

OS DEZ SIGNOS E O GRANDE ENTERRO: LEITURAS DE *O ASTRÓLOGO* E *O NOVO LIVRO*, DE GOMES LEAL*

HENRIQUE MARQUES SAMYN**

RESUMO

O artigo pretende apresentar algumas considerações em torno de dois sonetos do poeta português Gomes Leal (1848-1921) – *O astrólogo* e *O novo livro* –, ambos constantes de *Claridades do Sul* (1875), livro que a tradição crítica consagrou como sua obra-prima. Entende-se que os poemas abordam questionamentos recorrentes na obra do referido autor, articulando-se como expressão literária do sentimento de decadência finissecular e operando simultaneamente como etapa preparatória e notícia de *O Anticristo* (1884-1886). Argumenta-se que o prognóstico pessimista perceptível nos sonetos analisados pode ser lido como uma figuração da trajetória existencial do poeta.

PALAVRAS-CHAVE: Gomes Leal, *Claridades do Sul*, Poesia portuguesa finissecular (século XIX).

Pela descendencia latina, todos nós os portugueses estamos mais ou menos imbuídos do vago e supersticioso terror do *Fatum*, o deus terrível e pagão. E também pelas nossas afinidades longinhas com os árabes, nutrimos o musulmano fatalismo dos sectarios de Allah. Eu por mim só venero e creio no meu senhor *Cristus*, e Elohim, Adonai, Jehovah.

* Este artigo retoma, revisando-o e ampliando-o consideravelmente, o trabalho intitulado “Quem tem ouvidos que ouça: elementos para uma leitura de *O astrólogo*, de Gomes Leal”, apresentado no XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, em agosto de 2011, e posteriormente publicado nos anais do referido evento (*Cadernos do CNLF*, v. XV, n. 5, t. 3, p. 2439-2444). Além de revisar profundamente o texto, ampliando e incorporando adendos à leitura de *O astrólogo*, acrescento aqui uma interpretação inédita de *O novo livro*.

** Professor Adjunto de Literatura Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: marquessamyn@gmail.com

Todavia, literariamente e politicamente, é licito e até estético por momentos, imputarmos tudo á conta dos *negros fados*. (GOMES LEAL, 1913, p. 145-146)

1 A SAGRAÇÃO À SATURNO

Penso que um interessante ponto de partida para as reflexões que desejo apresentar neste artigo é o perfil de Gomes Leal delineado em um muito conhecido soneto assinado por Fernando Pessoa (1997, p. 145), publicado pela primeira vez no vigésimo número de *O Notícias Ilustrado*, datado de 28 de outubro de 1928, e posteriormente republicado no *Cancioneiro*:

GOMES LEAL

Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.
Seus trez anneis irreversiveis são
A desgraça, a tristeza, a solidão.
Oito luas fataes fitam no espaço.

Este, poeta, Apollo em seu regaço
A Saturno entregou. A plumbea mão
Lhe ergueu ao alto o afflictio coração,
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

Inuteis oito luas da loucura
Quando a cinctura triplice denota
Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,
Vestigio de maligna formosura:

É a lua além de Deus, algida e ignota.

Consoante o soneto de Pessoa – do qual apresentarei não mais que uma sucinta leitura, uma vez que o resgato apenas para tratar de certa imagem do autor de *Claridades do Sul*, que teria ressonâncias no imaginário português. Já no instante do nascimento Gomes Leal teria sido entregue por Apolo, à maneira de um traçoeiro patrono que não sem exigir um alto preço concederia o dom da poesia, a Saturno; a aluna que a esse é associada, “astro baço”, diz respeito a um simbolismo tradicionalmente constituído que vale a pena recuperar, mesmo que de forma sintética. No livro que inaugurou sua produção científica, Richard Anthony Proctor, um dos mais importantes nomes da Astronomia do período oitocentista, discutiu as origens das qualidades conferidas a Saturno pelos astrólogos, qualificando-as como superstições derivadas de sua “luz opaca” e de seus “movimentos lentos” (1865, p. 32) – ilustradas com a citação da fala que Chaucer cria para Saturno no *Conto do Cavaleiro* (*Knight's Tale*), da qual cito um pequeno trecho: “[...] minha órbita, que segue um curso tão longo, tem mais poder do que se imagina. Vem de mim o afogamento no mar pálido; vem de mim a prisão nas horrídas masmorras; vêm de mim o estrangulamento e a morte pela força, os murmúrios e a revolta dos campônios, os descontentamentos e os venenos escondidos”¹. Cabe observar que, como destaca Pearsall (1985, p. 126-127), tudo isso constitui uma inovação proposta por Chaucer: Saturno não surge mencionado como um deus, mas como uma influência planetária, assim permitindo o reconhecimento, por um público a quem não eram estranhas as concepções astrológicas, das referências técnicas presentes no texto.

Gomes Leal é, por conseguinte, assinalado pelos “três anéis irreversíveis” que o destinam à desgraça, à tristeza e à solidão – o que sabemos cumprir-se em sua trajetória biográfica, sobretudo a partir da morte materna, com a velhice na miséria e no desamparo –, regido pelas “oito luas fatais” que propiciam uma existência de loucura – compreensível como um singular percurso marcado pela excentricidade, com o qual Fernando Pessoa decerto não deixava de identificar-se, para si também encontrando um mesmo consolo num desígnio oculto: a lua “álvida e ignota” que espande “além de Deus”, de algum modo justificando os aparentemente incompreensíveis episódios que se sucedem numa árdua e dolorosa existência. Com efeito, Gomes Leal conheceria, primeiro, a

fama dos rebeldes, o que acabaria por granjear-lhe a dúbia glória dos iconoclastas e uma visita à prisão do Limoeiro; depois, já converso à religião com a qual anteriormente sustentara violentas polémicas, viveria em seus últimos dias a miséria dos poetas malditos, valendo-se de favores e servindo como alvo fácil para as zombarias de adolescentes pelas ruas.

O autor de *Mensagem* é apenas um entre os muitos que, dedicando-se a avaliar a obra de Gomes Leal, viram-se tentados a percebê-la como vinculada a uma errática trajetória que, por sua vez, teria sido determinada por forças ocultas – o que não deixaria de ser reafirmado, diversas vezes, pelo próprio poeta². Essa referência possibilita, aliás, uma abordagem do interesse quase obsessivo de Gomes Leal pelo desconhecido, algo nítido já em seu primeiro livro, *Claridades do Sul* (1875), e que se faria presente mesmo numa obra tão tributária da estética naturalista quanto *O Anti-Cristo* (1884-1886) – colossal poema que não recusaria criticar a própria razão que lhe servia como sustentáculo para a emancipação irreligiosa, e que seria anunciado precisamente por um dos poemas que analisarei neste artigo. Se suposições de ordem psicológica podem ser eventualmente úteis para o exame de uma produção literária, no caso de Gomes Leal parece determinante a inquietação intelectual que, amplificada por uma exacerbada sensibilidade, parece haver contribuído decisivamente para a inconstância perceptível tanto em sua vida quanto em sua obra –, sobretudo por determinar uma visão de mundo sempre cambiante, instável pela recorrente disposição a contestá-la nos mais fundamentais pressupostos.

Não é meu propósito nem enveredar pelo psicologismo, nem sustentar hipóteses deterministas ou metafísicas; contudo, se dediquei alguns parágrafos ao perfil de Gomes Leal traçado por Fernando Pessoa, não o fiz por motivos arbitrários. Pretendo advogar aqui a hipótese de que a trajetória de Gomes Leal estaria, se não previamente traçada, ao menos já esboçada em sua juventude – não por quaisquer forças ocultas ou desígnios transcendentais, mas pelo mero fato de ser ele alguém plenamente disposto a absorver as contradições de seu tempo, embora convertendo-as em projeções alegorizantes nas quais ele mesmo, ou a *persona* que criou para si, divisaria o poder de obscuros numes. Desenvolverei essa interpretação a partir da leitura de dois sonetos de *Claridades do Sul*: *O astrólogo* e *O novo livro*.

2 “QUEM TEM OUVIDOS QUE OUÇA”: UMA LEITURA DE *O ASTRÓLOGO*

O ASTRÓLOGO

Quem tem ouvidos que ouça.

Quem tem ouvidos que ouça, e o velho mundo
Que o aprenda de cor, pois que o que digo
É fruto dum estudo egrégio e fundo,
Como a ciência dum Caldeu antigo.

A Terra há muito que é um charco imundo,
Vencida eternamente do Inimigo,
E há muito lhe prevejo um fim profundo,
E um tremendo e trágico castigo.

Ora, ontem à noite, fui a um monte
Muito alto – e eis que avisto no horizonte
Dez signos, como em longa procissão...

E esses signos, a mim que sou vidente,
Tinham formas de letras, claramente:
– E nessas letras li DESTRUIÇÃO.
(GOMES LEAL, 1998, p. 200)

O dizer literário inevitavelmente pressupõe, em algum nível, um afastamento da linguagem comum; mas, no caso da enunciação poética típica de Gomes Leal, os recursos discursivos caracteristicamente visam à exposição de pretensas verdades que se esquivam ao olhar cotidiano. No caso particular de *O astrólogo*, a subjetividade lírica se pretende, mais do que poética, profética: “Quem tem ouvidos que ouça”, brada já de início (e duas vezes: na epígrafe e no primeiro verso, no qual, aliás, faz coincidir a sentença com o primeiro hemistíquio), exortação em que transparece o tom bíblico³. Há aí, evidentemente, alguma encenação,

sustentada pela retórica artificiosa; não obstante, assim se efetiva o deslocamento mediante o qual o poeta se atribui uma função superior, jamais concebida pelo homem ordinário, e que diz respeito a uma relação particular com o tempo: proclama-se detentor de uma sabedoria que se assemelha à dos antigos, mas que desvela o presente e antevê o futuro.

É enquanto portador dessa perene sabedoria que o poeta se impõe como autoridade; valendo-se dessa posição, desfere, sem meias palavras, um implacável juízo sobre o mundo – este “charco imundo”, entregue ao “Inimigo”, destinado a sofrer um castigo “tremendo e trágico”. Nessas palavras entrevemos não tanto a previsão de um vidente quanto o discurso de um moralista, que busca intervir no errôneo curso das coisas por meio de ameaças – e, aos olhos contemporâneos, é justamente o tom exaltado em que são proferidas essas palavras o que mais suscita dúvidas acerca de sua seriedade. A desconfiança é, por um lado, legítima: no âmbito textual, o poeta se vale de uma máscara, no que vai um passo além do “fingimento” inerente à atividade poética – uma vez que desempenha um personagem cuja função demanda algum alarde. Por outro lado, os artifícios estilísticos que emprega não são muito diferentes daqueles que tantas vezes flagramos em Guerra Junqueiro, ou mesmo em Antero de Quental, o que significa dizer: há neles as marcas de uma época – e, se pretendemos evitar o anacronismo, cabe não desacreditar o que, em seu tempo, mediu-se pela eficácia.

Nos tercetos finais, evidencia-se uma mudança fundamental no discurso: as condenações generalizantes dão lugar à narração de um episódio específico, o que encerra também uma restrição temporal ao pretérito. “Ontem à noite, fui a um monte”, afirma o verso inicial do primeiro terceto, sendo mais adequado lê-lo a partir de uma clave simbólica: o “ontem” aqui se estende indefinidamente, fundindo-se com o passado mítico; a “noite” é a evocação metafórica do sono e do sonho enquanto obscuridade da razão, em oposto à luminosa lucidez cotidiana; o “monte” é o lugar reservado à revelação, cuja inacessibilidade aos homens comuns é retoricamente reforçada pela qualificação “muito alto”. É nesse espaço, de acesso facultado apenas ao vate-profeta, que decorre a contemplação descrita no verso que encerra o primeiro terceto: a visão, no horizonte – não geográfico, mas existencial – de “dez signos”. Nesse ponto, importa atentar para o sentido simbólico do nu-

meral empregado, sobretudo no que diz respeito à tradição judaico-cristã: evoquem-se os dez mandamentos revelados a Moisés, as dez sefirot cabalísticas, as dez pragas do Egito ou as dez tribos perdidas de Israel, por exemplo. Como demonstra a síntese de Geoffrey Bromiley (1986, p. 560), o número ocupa um lugar de destaque, particularmente, no livro do Apocalipse, em que dez são os dias de tribulação preditos para a igreja em Esmirna (Ap 2,10); mencionam-se um dragão vermelho e bestas com sete cabeças, dez chifres e dez diademas (Ap 12,3; Ap 13,1; Ap 17,3) – sendo que os dez chifres representam dez reis (Ap 17,12).

Se é pertinente a leitura que propomos, o terceto final se revela desprovido de qualquer dimensão fantasiosa – conquanto não se despoje, por inteiro, do conteúdo metafísico. A qualificação de “vidente” é utilizada por um poeta que se considera apto a perceber o que ultrapassa as estreitas limitações impostas pela ordem racional; e é precisamente por habitar a noite da consciência, na qual se exacerba a intuição, que pode perceber o sentido daqueles dez signos que avultam no horizonte do possível – conformando as letras que compõem a palavra ‘DESTRUIÇÃO’, aliás grafada em maiúsculas, de modo a enfatizar sua significação totalizante.

Com efeito, se Gomes Leal não explicita o alcance da “destruição” que intui, enquanto vate e vidente, isso ocorre porque a referência seria demasiado extensa para ser especificada – e a omissão tem o efeito de sugerir essa amplitude. Trata-se da destruição de todo um mundo, enquanto conjunto de significações composto pelas múltiplas perspectivas humanas; em outras palavras, trata-se de uma antevisão da derrocada dos sentidos e da falência dos valores, condicionada por elementos do contexto histórico e cultural em que o poema foi composto.

3 O CONVITE AO “GRANDE ENTERRO”: UMA LEITURA DE *O NOVO LIVRO*

O NOVO LIVRO

Vou cantar novos casos dolorosos...
E navegar noutro épico Oceano,
Novas velas soltar. – O ouvido humano,
Que se preste a meus cantos vigorosos.

Por que eu fulminarei os crapulosos,
O fanático, o Escriba, o Publicano,
E arrastarei à luz – como um tirano,
O santo d’olhos doces e amorosos.

E, portanto, homens cheios de vaidades,
Preparai-vos a ouvir rubras verdades,
Que vos hão-de tisonar como carvões...

E se não receais ver morto o Erro:
– Vinde à janela a ver o grande Enterro,
E o desfilar das lívidas visões.
(GOMES LEAL, 1998, p. 314)

A semelhança de tom entre este soneto e o anteriormente analisado é evidente, o que se justifica porque aqui se encena uma subjetividade poética análoga à presente em *O astrólogo*. Como naquele poema, trata-se do discurso de um sujeito lírico que apresenta a si mesmo como extraordinário, assim capaz de ter acesso a verdades inalcançáveis pela humanidade mediana. Se um “novo livro” será produzido, isso depende de um deslocamento explicitado pelo primeiro quarteto: para “cantar novos casos dolorosos”, será preciso soltar velas que permitam “navegar noutra épico Oceano”. Importa, por outro lado, atentar para a astúcia de Gomes Leal, que efetiva uma *allusio* retórica que dificilmente passaria despercebida ao leitor português de 1875, a meia década das celebrações em torno do tricentenário de morte do autor de *Os Lusíadas* – à qual o autor de *Claridades do Sul*, sempre aberto ao circunstancial, não ficaria alheio, publicando *A fome de Camões* (1880). Gomes Leal, por conseguinte, revela-se disposto a singrar “*mares nunca dantes navegados*”, o que lhe proporcionará a construção de um poema cujos “cantos vigorosos” soarão pouco familiares ao “ouvido humano”.

Na segunda estrofe, continuam as referências à matéria a ser cantada no “novo livro” – e também aqui, como em *O astrólogo*, o discurso assume um tom acusatório, conquanto aqui a distribuição de anátemas

visse a alvos nomeados: “o fanático, o Escriba, o Publicano”, elenco de figuras de feição bíblica que metaforizam os agentes corruptores de uma sociedade em decadência. Para além disso, os versos finais do segundo quarteto encerram uma capital alusão, reforçada em nota acrescentada pelo autor: o soneto se refere a *O Anticristo* (1884-1886), o *tour de force* poético cuja proposição naturalista e positivista – embora corroída pela tentativa de conciliação com influxos pessimistas e irracionaisistas – encerraria uma tentativa de desnudamento do cristianismo que, ao fim, não deixaria de avançar para uma acerba crítica ao homem. A esse propósito, vale registrar que a primeira edição de *Claridades do Sul* se encerrava precisamente com *O novo livro*, poema final da sexta e última parte, “Ruínas”; por conseguinte, o soneto tinha a útil função de anunciar a obra vindoura, evidentemente enfatizando sua proposta polêmica. Na segunda edição, publicada em 1901 pela Empresa da História de Portugal, Gomes Leal altera a nota – explicitando que *O Anticristo* estava “em preparação” quando viera à luz a edição príncipe de *Claridades do Sul* – e incorpora ao livro *A morte do atleta*, longo poema originalmente editado em opúsculo datado de 1883, que se torna então a peça final do volume.

Se os tercetos finais de *O novo livro* se ajustam à função propagandística planejada pelo autor, fazem-no explorando a força retórica de um discurso poético que se pretende portador de indesejadas revelações que, não obstante, não hesitará em proclamar. O lugar extraordinário ocupado pelo sujeito lírico é o que o legitima como portador de “rubras verdades” que, desde a posição privilegiada que ocupa, poderá trazer à tona, embora ciente do terrível prejuízo que isso causará aos “homens cheios de vaidades” – sintagma cujo sentido generalizante pode ser percebido pela irrestrita referência, no quarteto inicial, ao “ouvido humano”, identificado como alvo do poema em gestação. Finalmente, o terceto que encerra o poema tem a astúcia de, simultaneamente, provocar e ocultar: o convite ao “grande Enterro” é a derradeira incitação àqueles que, cientes de que a morte do “Erro” era anunciada como a implacável demolição de verdades fundamentais, ainda assim teriam a coragem de testemunhá-la; aqueles que talvez se julgassem aptos a compartilhar de um conhecimento que, supostamente, a poucos deveria pertencer.

4 O POETA E SEU DESTINO

Vivendo no conturbado ambiente que foi a segunda metade do século XIX, Gomes Leal não foi o único a deixar-se dominar pela sensação de que, em toda a parte, anunciava-se o declínio. Há uma obsessão pela ideia de decadência no pensamento europeu desta época – uma percepção que, já visível no ambiente cultural pós-romântico, ao longo dos anos se fortalecerá cada vez mais. Embora isso não necessariamente determinasse uma valoração negativa da arte – com efeito, havia quem concebesse a decadência precisamente como um efeito da maturidade artística extrema, de modo que, nesse devastador cenário, ainda seria possível conceder a ela uma espécie de salvo-conduto –, suscitava uma questão fundamental: num mundo em desagregação, que lugar ocupavam a arte e quem a produzia?

A combativa perspectiva advogada pelos entusiastas da nova estética realista não seria acolhida por Gomes Leal, que explicitamente recusa o Realismo no posfácio a *Claridades do Sul*; em suas palavras, trata-se de uma “vã retórica” que, sob a “aparência de análise, de crítica, de experiência, revela o sórdido e o obscuro” (1998, p. 329). E, se Gomes Leal rechaça desse modo a reação realista, é precisamente por ter uma visão ainda mais ambiciosa da arte enquanto instrumento construtivo. A poesia de *Claridades do Sul*, afirma, é uma poesia “sadia, forte e verdadeira”, que não despreza “o amor, nem a imaginação, nem a liberdade”, e que tem a pretensão de “estabelecer o verdadeiro equilíbrio entre o *ideal* e o *real*”, de modo a (“como a filosofia”, reitera) “melhorar a humanidade” e “alargar o ideal humano”, sendo assim “digna da nobre missão que nestes tempos lhe está confiada” (1998, p. 330-331). Mais que um instrumento para a transformação política e para a reforma da sociedade, a poesia seria a responsável pela construção de um novo homem.

Tendo assumido essa difícil missão, Gomes Leal precisava lidar com um fulcral dilema: onde procurar as referências para a renovação, e de que modo realizá-la? Para um poeta que desconfia da razão e a quem fascina o mistério, a política não poderia oferecer respostas capazes de saciar a sede metafísica, e a ciência não poderia constituir nada além de uma solução ilusória – percepção que, já mais extensamente desenvolvida, assomaria em *O Anticristo*. E estão aí, a meu ver, as questões sub-

jaçentes aos sonetos aqui analisados. A marcha dos signos, anunciando a destruição, espelha a sensibilidade de Gomes Leal é a crise vivenciada em sua época; não obstante, ao prever um “fim profundo” para o mundo, mais que  solução moralista que sua encenação permitia entrever, talvez estivesse o poeta antevendo – como um profeta profano, pode-se acrescentar – a impossibilidade de alcançar respostas definitivas. Por outro lado, *O novo livro* noticia a composição do épico que, na visão de Gomes Leal, demonstraria definitivamente a precária condição de seus contemporâneos, aos quais já não restaria qualquer possibilidade de certeza ou amparo.

Por fim, vale perceber que a pletora de influxos acolhidos pelo poeta, e revelados por uma leitura de *Claridades do Sul*, permite-nos prenunciar as crises de uma personalidade que questionar o ceticismo em nome de uma moral cujo fundamento jamais será sedimentado, e em nome de uma razão cuja fragilidade não deixar de denunciar. Pode-se, de fato, esboçar uma representação do percurso futuro de Gomes Leal a partir de alguns dos elementos constantes de *O astrólogo* e de *O novo livro*: figure-se a noite em que, num monte muito alto, o vate-vidente contemplou dez signos que anunciavam a destruição de um mundo; “quem tem ouvidos que ouça”, bradou, incitando os seus contemporâneos a perceber a terrível verdade que ousaria revelar – e que estariam encerradas naquele épico que pacientemente então compunha, ambicionando desvelar a inevitável destruição do mundo como era então conhecido. Ao final, resta a indagação: teria o poeta, nesse momento, percebido a que ponto essa previsão dizia respeito ao seu próprio destino?

THE TEN SIGNS AND THE GREAT BURIAL: READINGS OF *O ASTRÓLOGO* AND *O NOVO LIVRO*, BY GOMES LEAL

ABSTRACT

This article aims to *present some considerations on* two sonnets by the Portuguese poet Gomes Leal (1848-1921) – *O astrólogo* e *O novo livro* –, both from *Claridades do Sul* (1875), book consecrated by the critical tradition as his masterpiece. The poems address to recurring questions in the author’s work and can be read as an expression of feelings of decadence at the end of the century; at the same time, they work as a preparatory step for *O Anticristo* (1884-1886).

The article also argues that the pessimistic prognosis in the sonnets can be read as a figuration of the poet's trajectory.

KEYWORDS: Gomes Leal, *Claridades do Sul*, Portuguese *fin-de-siècle* poetry.

LOS DIEZ SIGNOS Y EL GRAN ENTIERRO: LECTURAS DE *O ASTRÓLOGO* E *O NOVO LIVRO*, DE GOMES LEAL

RESUMEN

el artículo pretende presentar algunas consideraciones acerca de dos sonetos del poeta portugués Gomes Leal (1848-1921) – *O astrólogo* e *O novo livro* –, ambos presentes en *Claridades do Sul* (1875), libro que la tradición crítica consagró como su obra maestra. Se considera que los poemas abordan cuestionamientos recurrentes en la obra de dicho autor, se articulan como expresión literaria del sentimiento de decadencia finisecular y operan simultáneamente como etapa de preparación y noticia de *O Anticristo* (1884-1886). Se argumenta que el pronóstico pesimista perceptible en los sonetos analizados pueden ser leídos como una figuración de la trayectoria existencial del poeta.

PALABRAS CLAVE: Gomes Leal, *Claridades do Sul*, Poesía portuguesa finisecular (siglo XIX).

NOTAS

- 1 Cito da tradução de Paulo Vizioli (CHAUCER, 2014, p. 129); no original: “ [...] / My cours, that hath so wyde for to turne, / Hath moore power than woot any man. / Myn is the drenchyng in the see so wan; / Myn is the prison in the derke cote; / Myn is the stranglyng and hangyng by the throte, / The murmure, and the cherles rebellyng, / The groynnyng, and the pryvee empoysonyng. / [...]” (2454-2460).
- 2 Veja-se, por exemplo, o trecho utilizado como epígrafe deste artigo, extraído do apelo em prol de Gomes Leal publicado por Teixeira de Pascoaes na revista *A Águia*, em 8 de março de 1913, em que o próprio poeta apresenta um depoimento acerca de sua condição miserável.

- 3 São diversas as passagens neotestamentárias semelhantes; alguns exemplos (trad. ACF): Mt 11,15 e Mt 13,9 (“Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”); Mc 4,9 (“[...] Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”); Mc 4,23 (“Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça”); Lc 8,8 (“[...] Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”); Lc 14,35 (“[...] Quem tem ouvidos para ouvir, ouça”); Ap 2,7, Ap 2,11 e Ap 2,17 (“Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas”).

REFERÊNCIAS

BROMILEY, Geoffrey W. *The International Standard Bible Encyclopedia*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1986.

CHAUCER, Geoffrey. *Contos de Canterbury*. Tradução, apresentação e notas de Paulo Vizioli; posfácio e notas adicionais de José Roberto O’Shea. São Paulo: Editora 34, 2014.

GOMES LEAL, António Duarte. Gomes Leal. *A Águia*. n. 17. Porto, maio 1913. p. 145-148.

_____. *Claridades do Sul*. Edição de José Carlos Seabra Pereira. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

PEARSALL, Derek. *The Canterbury Tales*. Nova Iorque: Routledge, 1985.

PESSOA, Fernando. *Mensagem: poemas esotéricos*. Edição crítica de José Augusto Seabra. Madrid, Paris, etc.: ALLCA XX, 1997.

PROCTOR, Richard Anthony. *Saturn and its system: containing discussions of the motions (real and apparent) and telescopic appearance of the planet Saturn, its satellites, and rings; the nature of the rings; the great inequality of Saturn and Jupiter; and the habitability of Saturn*. Londres: Longman, Green, Longman, Roberts, & Green, 1865.

Submetido em 09 de fevereiro de 2015.

Aceito em 02 de agosto de 2015.

Publicado em 21 de agosto de 2015
